

## AUDIODESCRIÇÃO DE JOGOS DE FUTEBOL: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO

Celso André Nóbrega da Costa\*

Vera Lúcia Santiago Araújo\*\*

### RESUMO:

Neste trabalho foi investigada a audiodescrição no futebol. O trabalho teve como objetivo analisar a recepção da audiodescrição de uma partida de futebol entre Ceará e Portuguesa no estádio do Castelão em Fortaleza por deficientes visuais. A pergunta de pesquisa foi: Qual seria melhor recurso de acessibilidade para o DV assistir a uma partida de futebol? Para responder essa pergunta, foram formuladas as seguintes hipóteses: 1) o deficiente visual necessita da narração esportiva do rádio e da audiodescrição para assistir a um jogo de futebol no estádio, como a maioria dos videntes que levam o rádio para o estádio para não perder nenhum lance da partida; 2) o deficiente visual necessita somente da audiodescrição para assistir a um jogo de futebol, já que ficaria confuso com a utilização de dois áudios, isto é, a audiodescrição e a narração do rádio. A metodologia utilizada foi descritivo-exploratória de natureza qualitativa. Os resultados da pesquisa apontaram para a refutação das duas hipóteses. Na opinião dos participantes, a melhor maneira de um DV assistir a uma partida de futebol seria uma audiodescrição com uma locução semelhante à narração esportiva. A audiodescrição foi considerada mais eficiente, porque trouxe mais detalhes sobre os elementos visuais presentes no jogo, no entanto não apresentou a emoção que possibilita o envolvimento do espectador a uma partida de futebol.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual Acessível (TAVa); Audiodescrição (AD); Jogos de futebol; Pesquisa de recepção; Narração/Locução.

### ABSTRACT:

This paper investigates the use of audio description in soccer matches. The objective was to analyze the reception of the audio description of a football match between Ceará and Portuguesa at the Castelão Stadium in Fortaleza by a group of visually impaired spectators. The research question was: What would be the best accessibility feature for visually impaired spectator to watch a football match? For this question, the following hypotheses were formulated: the a visually impaired spectator needs the radio sports narration as well as the audio description to watch a football match in the stadium, like most of the viewers who take the radio to the stadium in order to not lose any detail of the match; the visually impaired person only needs audio description to attend a soccer match, since he/she would be confused by the use of both audios, i.e. the audio description and the radio narration. The methodology used was descriptive-exploratory of qualitative nature. The results pointed to the refutation of both hypotheses. In the opinion of the participants, the best way for a Visually impaired person to watch a football match would be by means of an audio description with a similar locution to sports narration. Audio description was considered more efficient because it

---

\* Universidade Estadual do Ceará (UECE)

\*\* Universidade Estadual do Ceará (UECE)

brought more details about the visual elements present in the game, but it lacked emotion, which enables the spectator's involvement in a soccer match.

Key words: Accessible Audiovisual Translation; Audio description; Soccer games; Reception research; Narration/Locution.

## **INTRODUÇÃO**

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) que permite que a pessoa com deficiência visual (PcDV ou DV) assista a produções audiovisuais. Ela consiste na descrição de elementos visuais que sejam relevantes para o acompanhamento dessas produções. É usada em filmes, peças de teatro, exposições de obra de arte e em espetáculos ao vivo, como desfile de escola de samba e jogo de futebol, sendo esse último o foco desse trabalho.

Em produções como filmes e peças de teatro, é confeccionado um roteiro a ser narrado e gravado posteriormente entre as falas, como no caso dos filmes, e narrado ao vivo, como nas peças de teatro. Nessa locução/narração, no entanto, no que diz respeito ao futebol, todo o processo é realizado ao vivo. Por sua semelhança com outro tipo de locução, a narração feita por locutores esportivos, no qual existe uma crença de que PcDVs não necessitariam de AD para apreciar uma partida de futebol.

Com o objetivo de abordar esta questão, uma pesquisa de recepção com PcDVs foi realizada no Ceará, mais precisamente no estádio Arena Castelão no dia 22 de novembro de 2014 no jogo entre os times do Ceará e da Portuguesa. Este artigo tem o objetivo de apresentar os principais resultados dessa pesquisa. Para isso, consta de três seções. A primeira traz os fundamentos teóricos sobre a locução na audiodescrição e em jogos de futebol. A segunda, a metodologia e a terceira, os resultados.

## **1. A LOCUÇÃO/NARRAÇÃO**

### **1.1. A LOCUÇÃO/NARRAÇÃO NA AUDIODESCRIÇÃO**

As primeiras reflexões teóricas sobre a audiodescrição foram feitas por profissionais da área (audiodescritores roteiristas e locutores). Além de não reconhecerem a AD como tradução, defendiam que audiodescritores deveriam ser objetivos e neutros sem colocar sua subjetividade tanto no roteiro quanto na locução. (BENECKE, 2004; HYKS, 2005; SNYDER, 2005). Várias pesquisas não corroboram essa visão, acrescentando ser impossível produzir um

texto sem as inferências dos autores. Aliás, elas apontam para esta característica interpretativa como sendo relevante para a pessoa com deficiência visual poder interagir com o produto audiovisual (COSTA, 2014; PRAXEDES FILHO e MAGALHÃES, 2013 e 2015).

No que diz respeito à locução, corroborando com Madureira (2005) de que não existe fala neutra, mas sim pouco expressiva:

Quando dizemos que uma fala é expressiva, geralmente nos referimos a uma fala caracterizada por variabilidade de padrões melódicos e rítmicos, os quais em trabalho anterior, denominamos ‘recursos fônicos que veiculam efeitos de sentido’. O termo ‘efeitos de sentido’ é usado nesse contexto para sinalizar que a matéria fônica causa impressões nos ouvintes, os quais lhe atribuem sentidos [...] Entretanto, toda a fala é expressiva, no sentido de que alguma forma de atitude, emoção, crença, estado físico ou condição social é veiculada por meio da fonação e da articulação dos sons. Portanto, a fala, comumente referida como monótona, também é expressiva. Ela pode ser interpretada pelo ouvinte como indicadora de falta de entusiasmo, apatia, desinteresse, entre outros sentidos. (MADUREIRA, 2005 p. 16)

Diante da concepção de que colocamos sentido na voz e não apenas no texto, foram realizadas duas pesquisas para avaliar as locuções de filmes realizadas por integrantes do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará. A primeira teve o objetivo de avaliar com base na fonética, fonologia e fonoaudiologia como estavam sendo narrados os produtos audiovisuais. O *corpus* foi composto de diferentes narrações (o mesmo roteiro narrado por vários participantes) de um curta metragem e de um videoclipe. Foram encontrados vários problemas de qualidade vocal, como articulação e velocidade da fala, e de uso de recursos vocais, tais como pausa, ênfase e ritmo. (CARVALHO, MAGALHÃES e ARAÚJO, 2013).

A segunda teve como meta propor parâmetros sistemáticos para a produção da fala na locução da audiodescrição. Para isso, foram avaliados os recursos vocais na locução de dois curtas metragens. Em seguida, foi ministrado um curso de 20 horas para discutir esses aspectos com os audiodescritores aprendizes e profissionais. (Ao final, as locuções foram regravadas e as duas locuções de cada curta foram analisadas através de uma pesquisa de recepção. (PALMEIRA, CARVALHO E ARAÚJO, 2016)

A partir das pesquisas citadas acima, os parâmetros propostos para a locução são os seguintes: “mudanças no tom [grave ou agudo], no volume da voz [aumentar ou diminuir] e na velocidade da fala [lenta ou rápida], assim como uso de pausas interpretativas”. É preciso estudar o roteiro para escolher qual significado será dado pelo locutor e aí aplicar um desses parâmetros. Por exemplo, na inserção: “a senhora se levanta, apoiando-se num oratório, onde há uma vela acesa”, temos um aumento do volume de voz em ‘senhora’, com a locução até Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.25-39, 2019.

‘oratório’ mudando para um tom grave. Também aqui se faz uma pausa e a próxima nuance a ser dada é encerrá-la, com o sintagma ‘vela acesa’ sendo dito lentamente. (PALMEIRA, ARAÚJO e CAVALHO, 2016: p. 230).

A segunda pesquisa também avaliou a recepção à locução dos dois curtas e teve a participação de cinco PcDVs. A maioria (4 participantes) preferiu a locução mais expressiva, ou seja, aquela produzida depois do curso de locução. Os motivos pela preferência podem ser conferidos no relato de um dos participantes:

Eu gostei das duas, agora a segunda [a realizada depois do curso de locução] me chamou mais a atenção por ser um pouco mais rápida e eu acho que a primeira tem uma coisa que eu achei legal, que ela tem um pouco mais de detalhes né”? Gostei mais da segunda por isso, por essa questão da velocidade dela. Eu achei essa segunda mais com o ‘pique’ assim, a primeira era mais lenta. Se bem que até com o texto ela casava mais né também? Porque era um cara morrendo também não dava para narrar como se tivesse narrando futebol, mas o que eu gostei da segunda foi ela ser mais viva assim, mais como é que eu posso dizer assim... a primeira parecia um locutor de rádio da madrugada, [voz] calma aquela coisa assim. A segunda não. Eu acho que ela já teve um pique maior. (ARAÚJO, CARVALHO e PRAXEDES FILHO, 2015, p. 23)

O próximo passo na procura de parâmetros sistemáticos para a locução na UECE é aprimorar esses parâmetros para que possam ser utilizados pelo audiodescritores para darem um direcionamento para a sua locução como sendo dramática, suave, cômica, documental etc. (PALMEIRA, ARAÚJO e CAVALHO, 2015: p. 230).

Na pesquisa de recepção aqui apresentada não foi feito este tipo de análise para narração/locução de uma partida de futebol, mas sim a de como essa narração/locução foi recebida a fim de colhermos dados para o desenvolvimento de padrões sistemáticos para esse gênero de AD.

## 1.2 Locução/Narração de jogos de futebol

Para encerrar esta seção, vejamos o que existe sobre a AD de futebol. Os trabalhos mais importantes foram os desenvolvidos por Michalewicz (2013 e 2014). O primeiro foi uma comunicação num congresso sobre audiodescrição (2013) e o segundo, um artigo em periódico (2014). Nesses trabalhos a autora descreve sua experiência como audiodescritora na Euro 2012 (Copa da União Europeia de Futebol - UEFA) realizada na Polônia e na Ucrânia. A AD foi oferecida nos 31 jogos da competição. Em cada partida, eram distribuídos entre 50 e

60 fones de ouvido para que os DVs pudessem acompanhar as partidas. Foram treinados pelo CAFE (Centro de Acesso ao Futebol na Europa) 26 voluntários (13 eram jornalistas esportivos), dos quais foram selecionados apenas 16 (uma dupla para cada um dos 8 estádios da competição). O treinamento foi realizado em dois dias por dois audiodescriitores alemães, os quais tinham trabalhado na Copa da UEFA, em 2008.

No primeiro dia, foram discutidas questões teóricas acerca da AD de um jogo de futebol e realizados exercícios com fragmentos audiodescritos de partidas de futebol. Os instrutores foram enfáticos em destacar que uma AD de futebol deve ser centrada nas emoções, na fluência e na qualidade de voz (MICHALEWICZ, 2014).

No segundo dia, os voluntários foram para o para o setor de mídia no Estádio Nacional de Varsóvia. O setor de mídia estava localizado num nível mais alto do que o das arquibancadas, na mesma linha do centro do campo, com uma boa visão para o gramado e a torcida. Os voluntários foram divididos em pares e audiodescreveram alguns trechos de partidas de futebol (em polonês ou ucraniano). Esses trechos foram gravados e enviados aos instrutores. Foi com base nessas fitas que os organizadores selecionaram os 16 audiodescriitores (MICHALEWICZ, 2014). Durante o treinamento, os audiodescriitores receberam a instrução de descrever o dinamismo das jogadas, a linguagem corporal, os gestos e as expressões faciais dos jogadores, a reação dos treinadores, os comportamentos dos torcedores (por exemplo, a formação de uma ola ou uma dança nas arquibancadas), as cores e o movimento das bandeiras e as vestimentas dos torcedores.

Michalewicz (2014) também apresentou alguns trechos de suas audiodescrições. A primeira descreve a torcida russa na partida entre Rússia e Polônia realizada no dia 13 de junho de 2012:

Na hora do hino nacional russo no meio da multidão na arquibancada aparece uma gigantesca bandeira russa, que cobria todos os torcedores do setor reservado aos Russos. Na bandeira também havia uma imagem vermelha de uma espada e de um escudo de guerra. (MICHALEWICZ 2014, p.5)

Os outros dois exemplos estão voltados para a descrição de dois lances das partidas, a descrição de uma falta e a marcação da mesma pelo juiz:

Fabio Coentrão atinge Rezek nos quadris, o qual faz um parafuso duplo no ar e cai na grama com um grito de dor (Jogo República Tcheca versus Portugal, 21.06.2012).

[...]

Ele ergue o braço, avisando que houve falta (Jogo República Tcheca versus Portugal, 21.06.2012). (MICHALEWICZ 2014, p.5)

Para Michalewicz (2014), a AD de uma partida de futebol funciona como uma interpretação simultânea. Ela chega mesmo a cunhar o termo "audiodescrição simultânea". Enquanto aquela ocorre entre duas línguas, esta traduz das imagens para o verbal (a língua). Ambas utilizam equipamentos similares (fones de ouvido para os tradutores, microfones, fones de ouvido para os usuários), e devem ter habilidades semelhantes (boa memória, concentração, eloquência, capacidade de criar mensagens concisas, resistência ao estresse e uso controlado da voz). Também trabalham em pares, trocando de posição a cada vinte minutos e traduzem tomando cuidado para que a distância entre evento e descrição seja a menor possível. Como os intérpretes, os audiodescritores devem se preparar para o evento, obtendo o máximo de informações que possam auxiliar na tradução. No caso do futebol, seriam os nomes dos jogadores, seus uniformes, a situação do time no campeonato etc.

A autora polonesa encerra seu artigo chamando a atenção para a questão profissional do audiodescritor. A AD de uma partida exige muitas habilidades e não pode ser executada apenas por voluntários e, ainda mais, treinados num espaço tão curto.

A Copa do Mundo de Futebol ocorrida no Brasil em 2014, também contou com o serviço de audiodescrição em português. Isto aconteceu devido a uma parceria entre a URECE (Esporte e Cultura para Cegos), organização brasileira sem fins lucrativos, o CAFE e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), por meio do Comitê Organizador Local (COL). Ao contrário da UEFA 2012, apenas quatro estádios receberam jogos com audiodescrição: Mineirão (Belo Horizonte), Estádio Nacional Mané Garrincha (Brasília), Maracanã (Rio de Janeiro) e Arena Corinthians (São Paulo). Também foram selecionados 16 voluntários, quatro voluntários para cada estádio, com somente dois voluntários para cada partida, os quais receberam o mesmo treinamento dos poloneses e ucranianos e com o mesmo instrutor.

### 1.3. A LOCUÇÃO/NARRAÇÃO EM JOGOS DE FUTEBOL

Entre os anos de 1931 até 2015, a narração de um jogo de futebol alcançou um grande desenvolvimento permitindo que a emoção presente nos campos chegasse até ao espectador mais distante. Cada narrador tem estilos diferenciados na sua forma de narrar (GÖTZ, 2015).

De acordo com o que descreve César (2009), um locutor perfeito é aquele que não apenas descreve o acontecimento que se passa no campo como também informa, comenta e transmite emoções aos seus ouvintes. Os torcedores nos estádios ficam com o rádio colado ao

pé do ouvido para sentir essas emoções. Para Soares (1994), “espetáculo” trata-se de um termo muito bem aplicado na locução, em que a locução/narração chega a superar até mesmo a “realidade de mundo”.

A busca da emoção é muito importante para a narração/locução de futebol. Ferraretto (2014) afirma que a narrativa esportiva encara o futebol como uma celebração, uma festividade, aos moldes do sentimento dos torcedores. De acordo com Schinner (2004, p. 80), “é o combustível mais importante do ser humano, pois funciona como gatilho de todos os sentimentos”.

A transição do amadorismo para o profissionalismo no que tange ao futebol contribuiu decisivamente para que houvesse a espetacularização desse esporte. É que, segundo Capraro (2006), o futebol em nosso país se impôs com valores aristocráticos relacionados ao ócio, ao adestramento militar e ao próprio *sportmanship* que significa o cavalheirismo, a imparcialidade e lealdade.

[...] as camadas menos abastadas da população já tentavam se aproximar dele, um processo que se acentuaria cada vez mais ao longo do tempo. Porém, não era ainda do interesse dos fidalgos que praticavam o futebol a presença de representantes das classes mais pobres nas suas refinadas atividades de lazer (CAPRARO, 2006 p. 53).

Com o passar dos anos e as consequentes mudanças sociais, principalmente as advindas da globalização, fizeram com que o futebol passasse a ingressar no ramo de espetáculo, tornando-se uma das ferramentas mais rentáveis da indústria do lazer, conforme descreve Reis (2006). Ainda no início dos anos 1990 o futebol inglês passou a ser organizado em moldes totalmente empresariais, com o aprofundamento bastante acentuado da relação entre o esporte e a televisão com “a espetacularização do futebol sendo a expressão do papel que a mídia --- em especial a televisiva --- assumiu nos últimos anos, “mundializando” o espetáculo esportivo” (RIBEIRO, 2007 p. 53).

Seguindo-se a essa lógica empresarial, as agremiações esportivas passaram a agir como empresas e a negociar jogadores, direitos de transmissão, marca, dentre outras. Tanto é assim que essas agremiações passaram a movimentar cifras que chegam a interferir de forma significativa na economia do país.

[...] se a gestão profissional do esporte-espetáculo já vinha exigindo uma revisão de mentalidade dos dirigentes, agora o que se impunha era a conversão do time de futebol em empresa capitalista inserida em um mercado regulado, mas bastante competitivo (PRONI; ZAIA, 2007 p. 22).

No que diz respeito ao rádio, com o passar do tempo foi sendo criado um estilo próprio de locução/narração. Desde o início das transmissões no rádio, os locutores chegavam a gritar para demonstrar a emoção de uma partida, utilizando uma linguagem própria, repleta de metáforas usada pelos locutores atrair mais atenção às transmissões. Para Soares (1994), o grande espetáculo do rádio esportivo é a narração de um jogo. Os locutores investem na criação de códigos de fácil entendimento, para enriquecer ainda mais a locução, proporcionando diversão para as pessoas que não podiam estar no estádio.

Assim, com o passar do tempo, os narradores passaram cada vez mais a utilizar expressões que vinham da linguagem popular. Os locutores/narradores de rádio Rebello Júnior e Nicolau Tuma inovaram nas narrações/locuções de futebol pelo rádio. Nicolau Tuma ficou conhecido como “o homem do gol inconfundível” por anunciar o gol com uma longa emissão de voz”. E o sucesso foi tanto que o estilo ainda é usado até hoje por todos os locutores esportivos no rádio ou na televisão (SOARES, 1994).

Guerra (2000) destaca que, para o ouvinte ter noção do que está acontecendo em campo, o narrador precisa não apenas dar bastante emoção ao narrar, deve ficar atento aos detalhes da narrativa, buscando bordões na tentativa de atrair ainda mais o público.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. TIPO DE PESQUISA**

Este estudo classifica-se como descritivo e exploratório de natureza qualitativa. A análise se fez, principalmente, por meio de depoimentos realizados pelos participantes e de questionários respondidos por eles.

### **2.2. PARTICIPANTES**

A pesquisa contou com sete participantes, seis homens e uma mulher, com idade variada entre vinte e seis e sessenta anos, escolaridade variando de Ensino Médio incompleto a Ensino Superior Completo, deficiência visual total de nascença, fãs de futebol, e usuários de audiodescrição.

### **2.3. CORPUS DA PESQUISA**

Nesta pesquisa, três protocolos foram utilizados para responder às perguntas de pesquisa: 1) o questionário pré-coleta, para traçar o perfil dos participantes; 2) o relato livre,

para verificar o entendimento do DV sobre o jogo. Nele, os participantes falaram livremente sobre o seu entendimento da partida e 3) o relato guiado também para verificar o entendimento do DV sobre o jogo, mas através de perguntas criadas pelos pesquisadores acerca dos dois áudios.

#### 2.4. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE

No primeiro tempo do jogo, três participantes ouviram a locução/narração da audiodescrição e do rádio. Os outros quatro, apenas a audiodescrição. No intervalo da partida, essa situação foi invertida. Tal procedimento teve como objetivo possibilitar que todos os participantes pudessem avaliar os dois tipos de locuções/narrações para descobrirmos qual delas seria a mais eficaz para uma PcDV acompanhar uma partida de futebol. Por questões de espaço, aqui discutiremos apenas os resultados do primeiro tempo.

A análise foi feita a partir da triangulação dos três protocolos, levando em conta, para responder à seguinte pergunta da pesquisa: Qual seria melhor recurso de acessibilidade para o DV assistir a uma partida de futebol? As seguintes hipóteses:

- O DV necessita da narração esportiva do rádio e da audiodescrição para assistir a um jogo de futebol no estádio, como a maioria dos videntes que levam o rádio para o estádio para não perder nenhum lance na partida.
- O DV necessita somente da audiodescrição para assistir a uma partida de futebol.

Vejamos agora na próxima seção, os resultados da análise dos dados.

### 3. RESULTADOS

Em primeiro lugar, veremos os resultados do grupo que assistiu ao jogo no primeiro tempo apenas com audiodescrição. Deste grupo participaram quatro DVs, doravante aqui denominados de P5, P6, P7 e P8. P5 conseguiu acompanhar o jogo com o auxílio da AD, mas parece que lhe faltava algo:

“Eu já assisti várias vezes jogos televisionados, não, pela TV. Eu acho que essa audiodescrição, tinha um narrador, eu não sei se tinha um alguém fazendo uma audiodescrição por baixo, não tinha? Eu acho que faltou mais detalhes da audiodescrição. Eu não sei assim, do modo como foi feita aqui para mim, faltou

mais detalhes, se eu estivesse assistindo na TV, em casa, pra mim não ia fazer muita diferença daqui.”

Apesar de o DV ter participado de diversos eventos com a AD, percebe-se a preferência pelas narrações/locuções do rádio. Talvez esse algo que está faltando tenha relação com o tipo de expressividade das duas narrações/locuções. Embora o locutor/narrador da AD tenha tentado imitar as modulações de voz de um narrador esportivo, o participante pode ter sentido falta disso, pois mesmo a AD trazendo diversos detalhes sobre as vestimentas dos jogadores e da torcida, P5 não se sentiu contemplado com todos os detalhes do jogo. Abaixo, podemos ver que não há muita diferença de detalhamento entre as duas locuções/narrações:

AD: “Expectativa agora para cobrança de Mateus Alonso, cobrou, bateu em cima da zaga. Afasta Sandro, Sandro espana a bola, lá prá intermediaria do goleiro Rafael Santos”.

RÁDIO: “Vai partir pra bola Mateus, bateu, afasta a zaga do Ceará e o domínio de bola volta a ficar com o time da Portuguesa.”

P6 parece não ter sentido as mesmas dificuldades de P5, já que fez bem mais comentários pontuais sobre o primeiro tempo.

“Achei um jogo que deixou um pouco a desejar em objetividade. O time atacava se referindo mais ao Ceará, porque a Portuguesa pouco ameaçou. O Ceará tentou, pressionou, mas sem muita objetividade, a meu ver. Assim, o que eu percebi está de 1X0, quando eu cheguei, o gol já tinha acontecido não, quando eu cheguei, eu não sabia do gol. Eu soube por que falaram na audiodescrição. Gostei porque apesar de não ter tido muita objetividade, o Ceará exerceu um domínio de jogo, teve um volume maior, embora não tenha sido objetivo, como poderia ter sido, mas acho que sim, merece estar ganhando. A Portuguesa não ameaçou, ela não atacou assim, e pouco atacou, ela não ameaçou, não conseguiu fazer pressão no time do Ceará, não conseguiu impor seu jogo.”

De acordo com o relato acima, nota-se que ele teve um bom entendimento a respeito do primeiro tempo da partida, sentindo falta de um detalhe esquecido pelo audiodescritor, que foi informar o tempo de jogo. Como P5, parece ter sentido também a diferença de expressividade, já que era ouvinte habitual de narrações de rádio.

P7 parecia estar atento ao jogo pela AD, já que também percebeu a falha na indicação de tempo de jogo:

“Eu gostei, mas só tenho uma reclamação a fazer, ele não informou nenhuma vez o tempo de jogo, pelo menos isso aí faltou, mas no geral, foi bom. O Ceará ainda está ganhando, ai é que está bom mesmo!!”

Os dados de P7, assim como os de P6, sugerem que o DV acompanhou o jogo com a AD, mas não sentiu que somente a AD poderia atender todas as suas necessidades para o acompanhamento da partida, já que deixou de mencionar um elemento importante.

P8 acompanhou bem a partida com audiodescrição, pois além de comentar lances da partida, ainda fez uma avaliação sobre a audiodescrição.

“O Ceará precisa tocar mais a bola, a bola precisa chegar mais no Magno Alves e pra mim, o Assizinho, tem que ser substituído, tem que entrar um jogador para ajudar o Magno Alves, porque o Magno Alves está sozinho e a bola não está chegando nele, e pra mim, o Portuguesa está bem melhor, né? Do que o Ceará, em minha opinião. A audiodescrição ajuda muito o deficiente, ajuda porque se for sem áudio nós não poderíamos opinar.”

A observação sobre o isolamento do jogador Magno Alves inferida pela AD, já que ele foi pouco mencionado na AD. É interessante ressaltar que P8 teve pouco contato com esse recurso anteriormente. Mesmo assim, o DV parecia estar muito concentrado acompanhando os lances do jogo, pois vibrava com os lances mais emocionantes da partida ou ficava nervoso com a possibilidade de um gol do time adversário.

Agora vejamos o comportamento dos outros três participantes (P1, P2 e P3), quando se viram em contato com as duas narrações/locuções simultaneamente. P1 não viu nenhuma vantagem em incluir a audiodescrição como recurso de acessibilidade, dando preferência somente à narração/locução do rádio. No entanto, parece fazer uso das duas locuções/narrações:

se o narrador [do rádio] não dependesse das propagandas ele faria isso aí também [detalhes sobre as vestimentas dos jogadores], que a chuteira do cara era laranja, que o goleiro... Mas o narrador [da AD] não falou quando o juiz apitou, o narrador não falou, aliás, o narrador da audiodescrição, não falou, me parece que não teve nenhum cartão...

P2 e P3 tiveram opiniões diferentes de P1 sobre a exposição aos dois áudios. Para ambos, cada uma das locuções/narrações contribuiu com a recepção da partida. A audiodescrição proporcionando mais clareza e detalhamento e o rádio trazendo mais emoção e envolvimento. Vejamos o que nos diz P3:

Na minha opinião as duas trouxeram compreensões, sendo que a audiodescrição trouxe alguns detalhes visuais que a transmissão convencional não transmite, cores de bandeira, como cores de chuteira...

[...]

nós que escutamos transmissão frequentemente por meio de comunicação a gente sente falta daquela celeridade maior do jogo, daquela velocidade maior da narração

dos lances do jogo, então talvez [a AD] carecia de uma velocidade maior na transmissão do jogo, de um dinamismo maior em relação à narração.

[...]

Uma vantagem da transmissão convencional é a, digamos, é o time do locutor esportivo, vamos dizer assim, a emoção, a celeridade e o ritmo mais intenso que ele dá ao jogo.

Na opinião dos DVs, para a formação profissional de um bom narrador/locutor de AD de futebol deveria passar por um trabalho semelhante ao de um locutor esportivo, como nos diz P5:

eu acredito até, eu até diria que realmente se o objetivo seria realmente desenvolver futuramente um trabalho profissional nesse sentido, o audiodescritor, eles têm que começar a treinar de modo que ele consiga ter um pouco mais de velocidade pra transmitir mais informações, eu acho que isso mesclava o trabalho profissional que o audiodescritor já faz, poderia sim superar a narração [do rádio].

Costa (2015) acredita que existam apenas vantagens ao utilizar os dois áudios para acompanhar uma partida de futebol, pois em certos momentos, enquanto o audiodescritor narra os lances da partida, o narrador esportivo, o repórter ou o plantonista trazem dados estatísticos que envolvem os históricos dos jogos anteriores entre as duas equipes. Um bom exemplo disso é o trecho abaixo, no qual, enquanto a narração/locução do rádio falava sobre detalhes do campeonato, a audiodescrição narrava detalhes da partida:

Rádio: Ceará jogando com a Portuguesa aqui na cidade de Fortaleza, Ceará em casa com a Portuguesa, vai completando cinco jogos com três vitórias, um empate e uma derrota.

Audiodescrição: A bola volta pra Ricardinho aqui pela direita, Ricardinho lança na área mais uma vez, Diego Ivo chegou, quase, quase, quase Diego Ivo, parece que é a noite dos zagueiros.

Rádio: Ceará e Portuguesa completando o décimo sexto jogo, com seis vitórias agora do Ceará, quatro empates, seis derrotas na história.

Audiodescrição: Tiro de meta cobrado pelo goleiro Rafael Santos, aqui com Mateus, Mateus toca a bola, tocou aqui, mas a bola espirrou no jogador do Ceará. Luciano Castan se prepara para a cobrança do lateral, tocou ali no meio, recupera a bola o time do Ceará com Ricardinho, Ricardinho já encontrou ali livre o Assizinho aqui pela direita, que encontrou Ricardinho, Ricardinho realmente é o homem de armação, mas perdeu a bola, perdeu a bola Ricardinho.

Enquanto há a atualização de informações através de um fone, pelo outro fone, não se perde nada do que estava ocorrendo em campo. Quando um jogador recebe o cartão amarelo ou vermelho, as duas narrações/locuções transmitem tal informação de maneiras diferentes. O Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.25-39, 2019.

audiodescritor se preocupa em detalhar a expressão facial dos envolvidos e, em seguida, retorna rapidamente para descrição do jogo. O narrador/locutor esportivo descreve rapidamente com o lance, aproveitando o espaço para comentários sobre a partida ou mesmo para a introdução de propagandas.

No que diz respeito aos dois áudios, o autor corrobora a opinião dos outros DVs sobre a preferência pela expressividade da narração esportiva. Tomemos como exemplo a locução/narração de um gol, o ápice de uma partida de futebol. O audiodescritor é menos emotivo, possui um grito de gol bem mais curto, e traz todos os detalhes ocorridos após o gol tais como: expressão do jogador e da torcida. Já o narrador é muito mais vibrante, emotivo, envolvente e tem o grito de gol mais longo. Em seguida, geralmente, este passa a palavra para o repórter que está em campo acompanhando a partida de perto. Ele, também de uma forma bastante emotiva, descreve detalhamentos o lance do gol. Daí então, o repórter informa detalhes sobre o jogador que fez o gol e a situação do time nos campeonatos. Posteriormente, pode ocorrer uma propaganda gravada e só então o narrador volta a transmitir a partida. Certamente, em seu retorno a bola está em movimento há algum tempo. Com ambos os áudios, portanto, Costa (2015) entende que não se perde um lance sequer do jogo. Existe um favorecimento com esta diversidade de informações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora ainda não tenham sido produzidos padrões sistemáticos para a formação de locutores/narradores em audiodescrição de futebol como aconteceu com a AD de filmes, a pesquisa aqui relatada já traz alguns subsídios que caracterizam essa modalidade de AD, no que diz respeito ao tipo de informação e à locução/narração. Os dados confirmaram que o tipo de treinamento dado pelo CAFE e pela FIFA para a audiodescrição de torneios importantes como a Copa da UEFA e a Copa do Mundo está no caminho certo quanto ao estilo de narração/locução a ser usado por audiodescritores nas partidas de futebol.

O treinamento visa principalmente a que audiodescritores adotem o mesmo estilo de narração/locução de locutores esportivos, acrescido de detalhes que normalmente não aparecem nesse tipo de locução e que são peculiares à audiodescrição. Além das jogadas, a AD privilegia descrição de uniformes, do comportamento da torcida, do modo como o jogador comemora o gol, dentre outras coisas. Mais pesquisas são necessárias para que tenhamos resultados mais conclusivos que confirmem ou refutem essa hipótese.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENECKE, B. Audio-Description. In **Meta: Translators' Journal**, vol. 49, n° 1, 2004, 78-80. <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2004-v49-n1-meta733/009022ar/>. Acessado em 25/05/2017.

CAPRARO, A.M. **Do football ao futebol**. São Paulo: Editora Vera Cruz, 2006.

CÉSAR, Cyro. **Como falar em rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.

CARVALHO, W. J. A; ARAÚJO, V. L. S; MAGALHÃES, C. Locução em filmes de audiodescritos para pessoas cegas ou com baixa visão: uma contribuição à formação de tradutores. In ARAÚJO, V.L.S; ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. Curitiba: CRV, 2013, 152-168.

COSTA, L. **Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção**. Tese de doutorado não publicada. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1012057\\_2014\\_Indice.html](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1012057_2014_Indice.html). Acessado em 25/05/2017.

COSTA, C.A. N. A Audiodescrição e/ou Irradiação de jogo de futebol: qual o recurso mais acessível aos cegos? Dissertação de Mestrado: UECE, 2015. Disponível em [http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Celso\\_Diserta%C3%A7%C3%A3o\\_Vers%C3%A3o\\_Final\\_.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Celso_Diserta%C3%A7%C3%A3o_Vers%C3%A3o_Final_.pdf). Acesso em 14/05/2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Narração de futebol no rádio: uma proposta de análise retórica. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 60-85, jan./jun. 2015.

GUERRA, Marcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol**. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2000.

HYKS, V. AD and Translation: Two Related But Different Skills. In **Translating Today Magazine**. Volume 4, 2005, 06-08.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Depoimentos e discursos: uma nova proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liberlivro, 2005.

MADUREIRA, S. Expressividade da fala. KYRILLOS, L. N. (org.) **Expressividade: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: REVINTER, 2005, 15-25)

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.25-39, 2019.

PALMEIRA, C.; CARVALHO, W. J. A; ARAUJO, V. L. S. Locução para audiodescritores: contribuições da fonoaudiologia. ADERALDO, M. F. (Org.); MASCARENHAS, R. O. (Org.); DANTAS, J. F. L. (Org.); ALVES, J. F. (Org.) . **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016, 274-294. <http://www.sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/interativos.php>\_Acessado em 26/05/2017.

MICHALEWICZ, Irena. Goal! – Audio Description for Euro 2012. Comunicação no Advanced Research Seminar in Audio Description (ARSAD). Barcelona, 13-14 de março de 2013.

MICHALEWICZ, Irena. Audiodeskrypcja po Euro 2012 – zawrotne tempo akcji czy para w gwizdek? In Przekładaniec, número 28, Disponível em <http://www.ejournals.eu/Przekladaniec> , 2014, 153–162, acesso em 28/06/2015.

PRAXEDES FILHO, P. P.; MAGALHÃES, C. M. A neutralidade em audiodescrições de pintura: resultados preliminares de uma descrição via teoria da avaliatividade. In ARAÚJO, V. L. S; ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. Curitiba: CRV, 2013, 73-88.

PRAXEDES FILHO, P. P.; MAGALHÃES, C. M. AUDIODESCRIÇÕES DE PINTURAS SÃO NEUTRAS? Descrição de um pequeno corpus em português via Teoria da Avaliatividade. PONTES, V. O; CUNHA, R. B; CARVALHO, E. P.; TAVARES, M. G. G. **A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas**. Curitiba: CRV, 2015, 99-130.

PRONI, M.W.; ZAIA, F.H. **Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

REIS, H.H.B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazén do Ipê, 2006.

RIBEIRO, L. **A crise da autonomia no futebol globalizado: a experiência europeia**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda, 2004.

SNYDER, J. Audio description: the visual made verbal across arts discipline – across the globe. **Translating Today Magazine**. Volume 4, 2005, 15-17.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O rádio Esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.